Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Impacto da Inteligência Artificial no Aprendizado Criativo e Profissão Artística

Marisa Soares (UFABC)
https://orcid.org/0000-0001-6572-5190
soares.m@ufabc.edu.br

Ana Melissa Ccopa Ibarra (Universidade Anhanguera de São Paulo)
https://orcid.org/0000-0002-6855-1859
ibarra.odonto@outlook.com

***Resumo**: Este artigo apresenta uma pesquisa com análise qualitativa da percepção de artistas sobre sua profissionalidade e a presença da Inteligência Artificial. Como principais resultados, apresenta-se uma análise conceitual fundamentada no embasamento teórico entre duas linhas de pensamento, a saber: na perspectiva filosófica do Personalismo de Emmanuel Mounier e na perspectiva psicológica de Henri Wallon.*

***Palavras-chave**: Inteligência Artificial. Diversidade. Algoritmos de Aprendizagem.*

***Abstract:** This article presents research with qualitative analysis of artists' perception of their professionalism and the presence of Artificial Intelligence. As the main results, a conceptual analysis is presented based on the theoretical basis between two lines of thought, namely: the philosophical perspective of Emmanuel Mounier's Personalism and the psychological perspective of Henri Wallon.*

***Keywords**: Artificial intelligence. Diversity. Learning Algorithms.*

1 INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial visa simular o pensamento e a capacidade de aprendizagem dos seres humanos, por meio de algoritmos e tecnologias avançadas, a partir de base de dados de obras de autoria humana, por conseguinte, apresentam-se desafios éticos e legais sobre a utilização da IA.

No âmbito legal, observa-se que, a Lei 9.610 de 1998, que se refere ao direito do autor, à exceção das novas tecnologias; concomitantemente, a Lei 9.609 de 1998 especifica os aspectos do uso de softwares, sem abordar a regulamentação das criações ou os direitos autorais destes programas.

Identifica-se uma lacuna dos aspectos legais sobre o uso da IA, impactando as diversas áreas de conhecimento, inclusive a profissionalidade artística. Conforme Cutrim *et al*, (2023, p. 9) "A agilidade em que é produzido um trabalho com a inteligência artificial somado ao custo reduzido desta tarefa pode propiciar uma maior desvalorização do trabalho de um artista." Outra depreciação se encontra nos desafios enfrentados pelos professores de educação artística, conforme Benites, (2021, p. 36):

> Esta constatação vem através da observação dos baixos índices de ingresso na universidade nos cursos de bacharelado em artes, a abordagem da própria escola como instituição, os processos de avaliação subjetivos do ensino de arte (que ampliam a incompreensão não cientifica da valorização da disciplina), a desvalorização dos estudantes diante da figura do professor/aula em comparação a outras disciplinas.

Vale ressaltar que, quando os profissionais artísticos criam um texto, um vídeo, um design ou uma ilustração, visam desenvolver novas soluções de problemas, enquanto a IA e seus algoritmos são programados a partir de bases de dados, sustentadas por milhões de imagens e textos previamente elaboradas por seres humanos, pois esses algoritmos objetivam organizar eficazmente suas bases de dados para obter resultados rápidos. Segundo Domingues et al (2020, p. 101):

> Não se trata somente de gerar protótipos na mescla de ações e conhecimentos de cientistas, técnicos e artistas, mas, principalmente, de verificar questões humanas integradas a qualidades tecnológicas, que entram na rotina e modificam cenários e organismos no cotidiano.

Neste contexto, questões éticas e da existência da profissionalidade dos artistas são relevantes de aprofundamento e pesquisas. "O tempo é outra exigência do sensível, contrário à pressa, à superficialidade, ao olhar embaçado pelo reconhecimento que barra o aprofundamento no que se vê, no que se escuta, no que não se observou ainda..." (MARTINS, 2022, p. 86).

Para tanto, procura-se responder ao seguinte questionamento:

_ Como justificar a profissão/criação artística com a utilização da Inteligência Artificial?

Haja vista que a humanidade não somente imita ou reproduz seu passado, ela se sensibiliza e convive, a cada transformação do contexto sócio-histórico em que esteja se perpetuando, bem como se responsabiliza com suas gerações futuras.

Este artigo se desenvolve em três andamentos: primeiramente se apresentam alguns pressupostos históricos da IA e os algoritmos de aprendizagem; na continuidade, apresenta-se o referencial teórico, bem como as percepções de artistas, finaliza-se com uma análise conceitual sobre a coexistência da humanidade e da Inteligência Artificial, utilizando-se os pressupostos da Teoria Personalista de Mounier e os fundamentos da psicologia de Henry Wallon.

2 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA IA E ALGORITMOS DE APRENDIZAGEM

Compreenda-se que a competência de estabelecer ou transformar as regras de tomada de decisão de forma autônoma se refere ao processo de aprendizagem da inteligência artificial, por meio dos algoritmos de aprendizagem, ou seja, apresenta-se a capacidade de uma máquina analisar e interpretar dados externos e aprender com eles, a fim de atingir objetivos por meio de adaptação flexível. Segundo Nilsson (2010), IA é conjunto de técnicas para a construção de máquinas inteligentes, capazes de resolver problemas que requerem inteligência humana.

Outra perspectiva, segundo a Comissão Europeia de Inteligência Artificial, conceitua-se que a Inteligência Artificial se refere a sistemas que demonstram um comportamento inteligente, isto é, por meio da análise de seu entorno, de modo que conseguem realizar diversas tarefas com certo grau de autonomia para alcançar objetivos específicos. (EUROPEAN COMISSION, 2018).

De acordo com Nilsson (2010), desde a Grécia Antiga, Aristóteles já supunha a possibilidade de que ferramentas autônomas realizassem tarefas humanas, isto é, os tripés de Hefesto, automovidos poderiam adentrar à assembleia dos deuses, de forma que tocariam as cordas de uma lira por conta própria. Bem como, Leonardo Da Vinci esboçou projetos para um robô humanoide que deveria ser capaz de sentar-se, mover seus braços, sua cabeça e abrir sua mandíbula. na forma de um cavaleiro medieval por volta do ano 1495; já em 1738, o inventor francês e engenheiro, Jacques de Vaucanson construiu um pato mecânico que podia grasnar, bater as asas, remar, beber água, comer e "digerir" grãos. Entretanto, tais invenções estavam ao plano da mimetização e automatização de atividades processuais práticas, sendo possível ampliar essa questão, em continuidade com o pensamento Nilsson (2010) sobre a lógica de Aristóteles que fornece duas pistas sobre como alguém pode automatizar o raciocínio. Segundo Nilsson, (2010, p. 28):

Primeiro, os padrões de raciocínio, como os silogismos, podem ser economicamente representados como formulários ou modelos. Eles usam símbolos genéricos, que podem representar para muitas instâncias concretas diferentes. Porque podem representar qualquer coisa, os símbolos em si não são importantes. Em segundo lugar, depois de os símbolos gerais serem substituídos por outros pertencentes a um problema específico, basta "girar a manivela" para obter uma resposta. O uso de símbolos gerais e tipos semelhantes de giro de manivela estão no centro de todos os programas modernos de raciocínio de IA.

Esta lógica aristotélica fundamenta a lógica booleana na equação "x (1-x) = 0" em que x representa "qualquer classe de objetos", (1 − x) representa a "classe contrária ou suplementar de objetos" e "0" representa uma classe que "não existe", haja vista que "0" representa a falsidade e "1" representa a verdade.

Estes estudos avançaram para os aspectos neurais do pensamento, ou seja, estima-se que existam mais de meio trilhão de sinapses no cérebro humano que atendem a várias atividades do cérebro, incluindo percepção e pensamento. Em 1943, o neurofisiologista americano Warren McCulloch e o lógico Walter Pitts afirmaram que o neurônio era, em essência, uma "unidade lógica" (NILSSON, 2010, p. 34). Bem como, Hebb também postulou que grupos de neurônios que tendem a disparar juntos, de maneira que o ato de "pensar" era a ativação sequencial de conjuntos celulares.

Concomitantemente, iniciaram-se os estudos da psicologia experimental humana, a linguística teórica e a simulação computacional de cognição, como a teoria de aprendizagem de Skinner, o behaviorismo de estímulo, condicionamento e resposta, a qual foi aprofundada por Chomsky, “os seres humanos são de alguma forma especialmente criados para fazer isso, com capacidade de manipulação de dados ou de “formulação de hipóteses” de caráter [ainda] desconhecido” (CHOMSKY apud NILSSON, 2010, p. 40).

Identificou-se uma forte relação entre a ciência cognitiva e a inteligência artificial, direcionando-se para o desenvolvimento de “algoritmos genéticos” em 1960, por Holland, professor da Universidade de Michigan, que usou cordas de símbolos binários (0's e 1's), os quais denominou de “cromossomos” em analogia com o material genético dos organismos biológicos.

A codificação de 0 e 1 em um cromossomo pode ser interpretada como uma solução para um determinado problema. A ideia era desenvolver cromossomos que fossem cada vez melhores na resolução do problema. Populações de cromossomos foram submetidas a um processo evolutivo em quais cromossomos individuais sofreram “mutações” (alteração de um componente 1 a 0 e vice-versa), e pares dos cromossomos mais bem sucedidos em cada estágio de evolução foram combinados para formar um novo cromossomo. (NILSSON, 2010, p. 42). Desta forma, ocorre um processo de eliminação, por meio do qual se produziria uma população contendo um cromossomo (ou cromossomos) que resolveram o problema. Conforme a OCDE (2024):

> Um sistema de IA consiste em três elementos principais: sensores, lógica operacional e atuadores. Os sensores coletam dados brutos do ambiente, processados pela lógica operacional para fornecer saídas para os atuadores, que por sua vez agem para alterar o estado do ambiente. Este ciclo é repetido inúmeras vezes, e como o ambiente é alterado pelo sistema de IA, a cada ciclo a lógica operacional pode ser aperfeiçoada.

Identifica-se que, para o avanço da IA, utiliza-se uma estratificação social de eliminação da incompetência com o objetivo da evolução de uma única população que resolve problemas e otimiza a produção e o desenvolvimento em diversas áreas de aplicação, sendo que essa perspectiva não pode ser realizada com existências humanas, pois a solidariedade e a diversidade são princípios dos direitos humanos, pontua-se assim, um pressuposto de uma diferença significativa que justiça a presença humana, tanto na resolução de problemas quanto na tomada de decisões, para realizar análises com as nuances da complexidade humana.

Observou-se, no Brasil. um grande avanço da Inteligência Artificial, consequentemente se evidenciaram preocupações sobre a necessidade de mudanças estratégicas na formação dos profissionais e da sociedade brasileira, para tanto houve a implementação da EBIA - Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (2021, p. 31):

> Embora não haja consenso acerca do exato impacto que a IA trará para o mercado de trabalho, acredita-se que importantes mudanças ocorrerão, envolvendo criação de novos empregos e desaparecimento ou transformação de outros. Estudo da OCDE (The Future of Work. OECD Employment Outlook, 2019) estima que empregos de média qualificação são crescentemente expostos a riscos: 14% dos empregos existen-

> tes podem vir a desaparecer como resultado da automação nos próximos 15-20 anos, e adicionalmente 32% podem sofrer mudanças radicais à medida em que tarefas individuais venham a ser automatizadas.

A automatização está sendo incorporada em diversas áreas de trabalho, adicionada a utilização da Inteligência Artificial, por esta razão, a OCDE recomendou políticas públicas e cooperação internacional, destaca-se entre estas recomendações, segundo EBIA (2021, p. 6):

> A IA deve beneficiar as pessoas e o planeta, impulsionando o crescimento inclusivo, o desenvolvimento sustentável e o bem-estar. Os sistemas de IA devem ser projetados de maneira a respeitar o Estado de Direito, os direitos humanos, os valores democráticos e a diversidade, e devem incluir salvaguardas apropriadas - possibilitando a intervenção humana sempre que necessário - para garantir uma sociedade justa.

Releva-se que o recurso tecnológico da Inteligência Artificial deve ser utilizado com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e a preservação do planeta, principalmente, respeitando dos direitos humanos e a diversidade cultural.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico se constrói entre duas linhas de pensamento, a saber: na perspectiva filosófica do Personalismo de Emmanuel Mounier e na perspectiva didático pedagógica de Henri Wallon, para os quais se realiza uma breve apresentação na continuidade.

Emmanuel Mounier foi um filósofo francês, cujas lutas se expressaram por confrontos dialógicos na França de 1930, marcada pelo Fascismo e Nazismo. Ele, com um grupo de intelectuais, fundou, em 1932, a Revista Esprit, em Paris, cujo objetivo era o de realizar investigações e escrever sobre os problemas da época, enquanto, concomitantemente, existia um movimento chamado “Terceira Força” que visava propor estratégias para os assuntos políticos e sociais. Ambas as formas de dialogar com o mundo (revista e movimento) tinham como pressuposto a ética e a liberdade responsável da pessoa humana. Conforme Abreu (2008):

Emmanuel Mounier foi preso durante alguns meses por causa da sua participação no movimento da resistência. Viveu depois na clandestinidade até a libertação da França, após o que publicou, em 1946, o Traité du Caractère (Tratado do Carácter). Emmanuel Mounier morreu em 1950, continuando na revista Esprit o seu combate pelo personalismo.

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) foi um psicólogo, filósofo, médico e político francês. Tornou-se conhecido por seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento, Wallon filiou-se ao partido comunista francês, em 1942, enquanto atuava na Resistência Francesa, lutando contra a ocupação nazista. Atuou também como professor do Departamento de Psicologia do College de France. De acordo com Frazão (2018):

Durante 1941 a 1945, Wallon permaneceu na clandestinidade, retornando às atividades ao final da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1946, Wallon presidiu a seção

francesa da Liga Internacional de Educação Nova, que congregava pedagogos, psicólogos e filósofos críticos do ensino tradicional. Presidiu esse grupo até 1962, ano de sua morte. Após a Segunda Guerra, foi convidado pelo governo francês para participar de uma comissão para restaurar o setor educacional da França.

Considera-se, um diálogo coerente entre a perspectiva de Mounier com a teoria de Henri Wallon que desenvolveu suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. De uma forma geral, a ideia central da pedagogia de Wallon compreende os seres humanos holisticamente a partir de três campos funcionais: a dimensão afetiva, a cognitiva e a motora.

As emoções, para Wallon, têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa, porque permite a exteriorização de desejos e vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível. As transformações fisiológicas humanas revelam traços importantes de caráter e personalidade.

Outro aspecto analisado na teoria de Wallon é a construção do "eu'' que depende essencialmente do ''outro``. Seja para ser referência, seja para ser negado. Principalmente a partir do instante em que o ser humano começa a viver a chamada crise de oposição, em que a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si próprio.

Espera-se que, com este artigo, justifique-se que os artistas construam coletivamente novos conhecimentos vinculados às suas realidades, porque uma intencionalidade da arte é despertar a pessoa, conforme Mounier (1974), o ato de caracterizar a pessoa, ocorre por meio de um movimento dialético, pois, mediante o ato de se educar, desperta-se a esse movimento, que é um processo de busca por sua liberdade e seu amadurecimento, de modo que tenha uma autonomia e um autodesenvolvimento de eleger seus valores e seus princípios nas diversas esferas de sua existência, isto é, condições sociais, culturais, políticas e econômicas situadas em determinado contexto sócio-histórico.

A ideia central do pensamento personalista de Mounier possui uma visão antropológica de que o ser humano não é um simples objeto, possui em sua natureza inviolável a sua liberdade, sua criatividade, pois é um sujeito responsável em seu contexto sócio-histórico de maneira comunitária. De acordo com Peixoto (2009):

Para Mounier a formação humana, não se limita a moldar-se aos interesses do sistema vigente, outrossim, possui a finalidade de despertar da alienação e do individualismo, a partir de sua tomada de consciência e de uma atitude de engajamento e afrontamento, no combate a essas estruturas. A conscientização da preservação da criação humana é uma maneira de introduzir uma perspectiva mais personalista nas relações humanas.

O desenvolvimento do ser humano não se realiza sozinho, pois precisa se relacionar com o seu meio, com sua cultura e com outras pessoas. "A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa” (MOUNIER, 1974, p. 63).

Wallon não compreendia o desenvolvimento humano de maneira linear e organizada da evolução psíquica, outrossim, procurava entender os meios utilizados para chegar a um determinado objetivo; similarmente, Mounier compreende a incompletude do ser humano, que está sempre a aprender, porque a existência da pessoa não pode tecer-se apenas ao nível de um agir puramente técnico. “A pessoa é chamada a agir eticamente, a construir seu próprio ser, a se fazer. Sua essência não é um dado completo e adqui-

rido de uma vez por todas, mas uma tarefa a ser realizada mediante sua ação responsável" (MOUNIER, 1974, p. 97).

4. RELAÇÕES ENTRE A PRÁTICA ARTÍSTICA E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No desenvolvimento da etapa empírica deste artigo, houve as devolutivas de 7 artistas em relação à seguinte pergunta:

_ Você gostaria de relatar sua opinião sobre a IA e sua prática artística?

Para a realização da análise de conteúdo, utilizou-se o conceito elaborado por Bardin (1977) como base de análise: "Conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos, extremamente diversificados" (BARDIN, 1977, p. 9).

De forma que, realizou-se uma síntese dos recortes do texto, relacionando-a aos conceitos pesquisados. "Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido, que compõem a comunicação" (ALMEIDA; SZYMANSKI, 2002, p. 105).

Deste novo texto, procurou-se os domínios semânticos, ou seja, por meio da análise de palavras ou expressões com proximidade semântica. "É definido a priori um limiar para avaliar esta proximidade semântica. O que permite decidir se os enunciados pertencem ou não ao mesmo domínio semântico" (BARDIN, 1997, p. 219).

Apresentam-se os relatos dos participantes desta etapa metodológica, com o destaque dos domínios semânticos das palavras selecionadas que permitiram uma ancoragem de proximidade com o referencial teórico.

Para uma compreensão didática desse processo, detalha-se a elaboração de cada categoria de análise e suas correlações semânticas dos termos destacados tanto nas narrativas, quanto nos embasamentos teóricos.

4.1ELABORAÇÃO DA PRIMEIRA CATEGORIA: RESPONSABILIDADE CRÍTICA DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA.

As ferramentas de IA, tal como são atualmente constituídas, particularmente modelos baseados em difusão concebidos para gerar imagens completas, recriando uma média de muitos detalhes a partir de dados de origem, são por natureza muito limitadas na sua utilidade para a verdadeira criatividade aberta e parecem principalmente mais úteis para gerar inspiração ou conteúdo de preenchimento não crítico (Artista 1).

Conforme Mounier: "A existência da pessoa não pode tecer-se apenas ao nível de um agir puramente técnico. A pessoa é chamada a agir eticamente, a construir seu próprio ser, a se fazer. Sua essência não é um dado completo e adquirido de uma vez por todas, mas uma tarefa a ser realizada mediante sua ação responsável" (MOUNIER, 1974, p. 97).

Quadro 1 – Correlações semânticas dos relatos e do referencial teórico de Mounier.

Artista 5	Mounier

Imagens completas: A que nada falta; a totalidade, o total.[2]	Dado completo: A que nada falta; a totalidade, o total.
Não crítico: Particularidade que caracteriza o que não é crítico; que não possui a capacidade e/ou habilidade de criticar ou discernir.	Ação responsável: Que responde pelos seus próprios atos ou pelas ações de uma outra pessoa.

Fonte: Elaboração própria

4.2 ELABORAÇÃO DA SEGUNDA CATEGORIA: CRIATIVIDADE E A SUBJETIVIDADE DA AUTORIA HUMANA.

A criatividade não é um talento, é uma habilidade - uma habilidade que pode ser aprendida, refinada e usada em benefício próprio - não é um talento natural, sobre o qual ninguém pode decidir se o possui ou não - como muitos gostariam de acreditar. A criatividade não é como a altura, ou a cor dos olhos, ou a capacidade de ser mais magro ou mais pesado; ela combina a percepção, as memórias e as experiências de um indivíduo, numa ideia (Artista 3).

Wallon: "Jamais pude dissociar o **biológico do social**, não porque os creia redutíveis entre si, mas porque, no homem, eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas **relações recíprocas**" (WALLON *apud* WEREBE; NADELBRULFERT, 1986, p. 8).

Quadro 2 – Correlações semânticas dos relatos e do referencial teórico de Wallon.

Artista 3	Wallon
Habilidade: Característica ou particularidade daquele que é hábil; capacidade, destreza, agilidade.	Biológico: Próprio e particular dos seres vivos: características biológicas. Social: Sociável; que prefere estar na companhia de outras pessoas.
Experiências: Conhecimento ou aprendizado obtido através da prática ou da vivência: experiência de vida; experiência de trabalho.	Relações: Ligação, vínculo ou conexão entre uma coisa e outra; correlação, associação. Recíprocas: Condição do que é mútuo, do que se realiza ao mesmo tempo que outra coisa; reciprocidade.

Fonte: Elaboração própria

Evidencia-se a correlação das unidades de significados, entre as percepções dos relatos dos artistas e o embasamento teórico, de forma que seja possível a realização de uma análise mais aprofundada e sistematizada das categorias de análise.

4.3 A PRIMEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE: RESPONSABILIDADE CRÍTICA DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA.

Apresenta-se um diálogo entre os relatos dos artistas e referenciais teóricos, com o objetivo de justificar a profissão artística em um ambiente digital com a utilização da Inteligência Artificial:

Também não há processo com arte de IA, apenas sugestões que parecem muito bobas. Não há processo para conversar ou comunicar com outros artistas. Uma das coisas que gosto na arte em geral é aprender com outros artistas de todo o mundo, ver co-

Todos os significados das palavras destacadas foram baseados em (FERREIRA, 2000).RA, 2000).

mo eles abordam certas coisas e tentar explicar isso à forma como faço arte, com IA não há nada significativo para falar – é desumanizante (Artista 4).

Eu sou animadora e no dia a dia não vi nenhuma IA que conseguiu fazer algo minimamente decente de animação. Infelizmente, para séries infantis eu acho que deve ser muito aceito, porque não necessariamente precisa de qualidade, o que impacta muito na área, já que a maioria das produções são animações infantis, o que vai tirar muito trabalho, porque muita gente (inclusive eu) não tem o recurso do nível de filme de animação (Artista 1).

Observa-se a preocupação dos artistas com a responsabilidade e a percepção crítica no ato de criar, visto que não se trata de uma atividade exclusivamente técnica e lógica, também existem subjetividades da natureza humana.

Ademais, não se esqueça da normatividade neoliberal: "a vigilância cada vez mais densa do espaço público e privado, a rastreabilidade cada vez mais precisa dos movimentos dos indivíduos na internet, a ação cada vez mais pregnante dos sistemas conjuntos de informação e publicidade e, talvez sobretudo, as formas cada vez mais insidiosas de autocontrole, dos próprios sujeitos" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 374).

Segundo os autores a genealogia do neoliberalismo ensina que a nova razão de mundo é um destino necessário que subjuga a humanidade [...] ela é histórica, isto é, relativa a condições estritamente singulares que nada permite que sejam pensadas como insuperáveis. "O fundamental é compreender que nada pode nos eximir da tarefa de promover outra racionalidade" (*Ibidem*, p. 402).

A liberdade como responsabilidade, ou seja, a criação humana é resultado de uma atitude interna, porém condicionada à liberdade de outros fatores num compromisso consigo mesmo e com o outro (MOUNIER, 1974).

Reitera-se assim, a justificativa dos artistas com a responsabilidade histórica de demonstrar outras "razões de mundo" às futuras gerações, ou seja, que existem diferentes perspectivas mais humanistas e solidárias de desenvolvimento.

A ideia central do pensamento personalista de Mounier possui uma visão antropológica de que o ser humano não é um simples objeto, possui em sua natureza inviolável a sua liberdade, sua criatividade, pois é um sujeito responsável em seu contexto sócio-histórico de maneira comunitária. Conforme Severino (2009, p. 159) "a ideia que me parece muito forte no personalismo mounierista é a razão de ser do conhecimento, o que lhe dá sua legitimação, é seu intransigente compromisso com a construção da cidadania".

O direito inalienável da dignidade humana apresenta a necessidade de que seja o critério de raciocínio das relações humanas, de maneira que interrelacione os valores políticos, sociais e históricos na vida cotidiana.

4.4 A SEGUNDA CATEGORIA DE ANÁLISE: A CRIATIVIDADE E A SUBJETIVIDADE DA AUTORIA HUMANA.

Desenvolve-se uma análise com os relatos dos artistas sobre as habilidades humanas relacionadas com os aspectos biológicos e sociais:

A IA até agora, aplicada nos últimos dois anos, só teve efeitos negativos na arte e nos artistas por trás dela. Se a IA for usada para ajudar a descobrir poses, perspectivas ou ajudar no processo de animação, então tudo bem – porque os artistas consentem

com isso. Os modelos de bots/IA apresentados que treinam sem consentimento no trabalho de um artista para poder reproduzi-lo em larga escala, não importa se é para trabalho pessoal ou comercial, nada mais são do que meios de plagiar e prejudicar os artistas, nos aspectos de que os criativos já tinham pouco respeito de pessoas de fora, os efeitos prejudiciais para a saúde mental e a inspiração por trás da criatividade (Artista 3).

De uma perspectiva social, acredito que a arte da IA serve atualmente como um "inimigo comum" entre todos os artistas treinados. Pode ser provável que a maioria daqueles que anteriormente rastrearia ou repassariam arte ou explorariam artistas a preços injustos tenham recorrido à arte de IA como uma alternativa de melhor qualidade e mais barata, com menor risco pessoal. Apoiados pelo movimento social daqueles que justificam a geração de IA como um "meio criativo", eles são capazes de tornar o seu trabalho mais público e até mesmo utilizá-lo para negócios ou competições (Artista 5).

Os relatos dos artistas demonstram uma preocupação com a competitividade e aceitação social da arte de IA, sem valorizar a subjetividade emotiva que interliga os aspectos sociais, porque sensibilizam a aprendizagem e a criatividade humanas. De acordo com Wallon (2008, p. 224):

> O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social.

Eu particularmente nunca usei a IA, porque ela não consegue criar nada, animação não é só um movimento realista, tem muito movimento que não existe que é criado pela cabeça humana que atualmente não existe substituição (Artista 1).

Acredito que a IA pode ser usada como uma ferramenta e não exatamente como um código de trapaça; um bom exemplo são os filmes do Aranhaverso, no qual usam IA para desenhar linhas, basicamente livrando-se do processo tedioso. O que sou totalmente contra é a IA Generativa, onde ela cria algo usando outras obras de arte de artistas que não consentiram, fora isso, também sai muito barato e enganador (Artista 4).

O que acredito ter ajudado a moderar o uso generalizado de IA e forçou os desenvolvedores a fazerem algumas acomodações básicas para apaziguar aqueles que foram pessoalmente afetados pelo uso ou desenvolvimento de ferramentas de geração de IA. Também começou a aumentar o valor percebido da arte feita à mão, mesmo que ligeiramente, o que penso que ajudará os novos artistas e aqueles que consideram prosseguir na criação de arte, a terem mais confiança em si próprios e a verem maior valor nos seus esforços, o que considero ser um efeito secundário positivo, desta mudança de atitude (Artista 5).

Se, de um lado, a emoção e afetividade estabelecem a inteligência humana, por outro lado, a eliminação da incompetência para uma única população que resolve problemas e otimiza a produção, estabelece a inteligência artificial. Existem perspectivas distintas entre a sensibilidade vivenciada nas relações sociais entre os seres humanos, as quais delineiam as diversidades de personalidades em comparação aos algoritmos que

visam uma individual aprimoração dos resultados. Conforme Barbosa (1989): “Teremos no futuro a forte influência dos movimentos de arte comunitária na arte-educação formal.” A autora explica que a Arte comunitária no Brasil é caracterizada pelo intercâmbio de classes sociais nos Festivais de Rua, comemorações regionais e nacionais, festas religiosas etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a profissão artística em um ambiente digital com a utilização da Inteligência Artificial é necessária, porque permite a originalidade e a diversidade de estilos artísticos, bem como valoriza as identidades culturais e sociais.

Observou-se nas percepções dos artistas que participaram com seus relatos uma significativa preocupação com o uso comercial da IA em atividades artísticas. Como também, a possibilidade da desvalorização destes profissionais.

Espera-se que este debate permita que a valorização da arte de artesãos, grupos regionais de música e teatro, de comunidades campesinas, entre outros exemplos, haja vista que trazem o personalismo, a relação com o meio e a preservação cultural da sensibilidade humana como seu principal diferencial.

Outro aspecto considerado é a questão da ausência de uma legislação específica de direito autoral artístico decorrente de programas que se utilizam da inteligência artificial, uma questão relevante para gerar políticas públicas e mudanças positivas na formação de profissionais da arte e cultura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Verônica do Couto. **A contribuição do pensamento de Emmanuel Mounier para uma reflexão ético-cristã-personalista da pessoa na contemporaneidade**. 2008. 200 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

BARBOSA, Ana. Mae. (1989). Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, 3(7), 170–182. https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010

BENITES, Rita de Cássia Ribeiro, A DESVALORIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL: ORIGENS E ALGUNS ASPECTOS, **Trilhas da História**, v. 10, n. 20, jan.-jul., ano 2021.

EBIA **(Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial).** Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Secretaria de Empreendedorismo e Inovação. 2021.

CUTRIM, Nicolly Carvalho; MACHADO, Danyelle Magalhães; COSTA, Maurício José Morais, Inteligência Artificial e seus debates éticos: impactos negativos do uso indevido da IA na criação de arte. **Revista Estudos Multidisciplinares**, São Luís, nº3, v.2, out. 2023. ISSN 2238-7897.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Tradução de Mariana Echalar. São Paulo, SP: Boitempo, 2016. 413 p.

DOMINGUES, Diana; NOVAES, Dulcinéia; MASCHIO, Liliam Beatriz. Muito além das imagens e Reengenharia da Cultura nos games, jornalismo operativo e sistemas enativos em práticas colaborativas transdisciplinares de Arte e TecnoCiência. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 8, n. 19, p. 81–112, 2020. DOI: 10.22484/2318-5694.2020v8n19p81-112. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4181 Acesso em: 26 jun. 2024.

EUROPEAN COMISSION. Communication Artificial Intelligence for Europe, 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/communication-artificialintelligence-europe Acesso em: 22 jun. 2024.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda, Dicionário Aurélio da língua portuguesa, Coordenador/ Editor: Margarida Dos Anjos | Marina Baird Ferreira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5ª edição, 2014.

FRAZÃO, Dilva, **Biografia de Henri Paul Hyacinthe Wallon**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/henri_paul_hyacinthe_wallon/ Acesso em: 13 jun. 2024.

MARTINS, Mirian Celeste, SOBRE O SENSÍVEL NA ARTE E NA EDUCAÇÃO, **Anais do Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil - ConFAEB. Anais...Juiz de Fora (MG)** UFJF, 2022

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Trad. João Bénard da Costa. 3ª ed. Santos, SP: Martins Fontes, 1974.

NILSSON, T Nils J. He Quest for Artificial Intelligence A History of Ideas and Achievements. **Stanford University. Web Version Print version published by Cambridge University Press**. Disponível em: http://www.cambridge.org/us/0521122937 Acesso em: 19 abril 2024.

OECD. Artificial Intelligence in Society. Disponível em: https://www.oecd.org/publications/artificial-intelligence-insociety-eedfee77-en.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.

PEIXOTO, Adão José**. Pessoa, existência e educação**. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. Alínea, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Humanismo, Personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea, **Rev. Educação Pública**, Cuiabá, v.18, n.36, p.155-163, jan. Abril, 2009.

WALLON, Henri Paul H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WEREBE, Maria José Garcia e NADEL BRULFERT, Jacqueline. **Henri Wallon.** São Paulo: Ática, 1986.